

9 NOVEMBRO - 31 DEZEMBRO 2023

ESPAÇO ARTE



THINKING TOMORROW

Exposição de escultura de:

Diogo Nunes
Filipa Batista
Ildefonso Pontes
Luzia Alves
Pedro Serafim
Santos Rocha
Vera Vilhena

Curadoria: Luzia Alves



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



belas-artes
ulisboa

Thinking tomorrow

Explorando a Sustentabilidade e a Ecologia através da Arte

Sete artistas encontram-se coletivamente no Espaço Arte do IGOT, para pensar um amanhã que é de todos, compartilhando uma visão comum: a preocupação com o nosso Planeta e a crença de que as ações de hoje serão as consequências de um amanhã.

Nesta exposição, exploram-se as questões sustentabilidade, ecologia, práticas e pensamentos sustentáveis, onde cada obra é uma reflexão sobre como as ações do passado e do presente podem condicionar e ter impactos significativos no nosso futuro. Através de uma diversidade de materiais e técnicas, desde pedra, metal, madeira, plástico de talhe direto, construção e modelação, fotografia e performance fotografada, todos estes elementos são explorados e moldados com o objetivo de expressar as preocupações inerentes à nossa relação com o meio ambiente.

Tendo como base como base a sustentabilidade e a preocupação no que diz respeito aos materiais que se usam na produção das obras, os artistas exploraram conceitos como: a importância de respeitar os ciclos da natureza; uma chamada de atenção aos problemas humanitários que afetam diretamente a relação dos seres humanos com o Planeta Terra, destacando a necessidade de mudanças; a crítica à manipulação da Natureza por parte dos seres humanos; e também a elevação da natureza a um patamar que permite observar as suas feridas e cicatrizes, convidando-nos a refletir e tentar amenizar o que as causou.

Explorar e discutir questões prementes sobre sustentabilidade e a relação do ser humano com o meio ambiente é imperativo. Esperamos que as obras aqui apresentadas incitem essa reflexão, o pensar o amanhã, na esperança que ocorra uma influência e mudança positiva e assertiva sobre as ações que praticamos enquanto comunidade.

Cabe-nos a nós discutir o passado e, no presente, refletir e adotar hábitos que estudem atentamente a possibilidade de existir um futuro.

Luzia Alves

ARTISTAS PARTICIPANTES:

Diogo Nunes [@diogo_mm_nunes_art](#)

Filipa Batista [@filipabatista_art](#)

Ildefonso Pontes [@ildefonsoPontes](#)

Luzia Alves [@luzia.alves.art](#)

Pedro Serafim [@pedrosousaserafim_art](#)

Santos Rocha [@santos.rocha.arte](#)

Vera Vilhena [@veravilhena](#)

CURADORIA Luzia Alves

THINKING TOMORROW

OBRAS, DESCRIÇÕES E LEGENDAS



Diogo Miguel Martins Nunes

Pela Difusão da Subversão

Cadeira encontrada

2022



Descrição da obra

Pela Difusão da Subversão

Pela Difusão da Subversão foi uma escultura realizada para a exposição "Aristides de Sousa Mendes: Razões da Humanidade", inaugurada na Presidência do Conselho de Ministros em Lisboa. O objetivo desta exposição foi expor o que aconteceu e superar, por meio da experiência de Aristides, uma morte que cai no esquecimento. Essa memória, que carrega o valor da subversão na sua mais nobre manifestação. Em 1939, Oliveira Salazar redigiu ordens na Circular 14.

Esta, invocando a neutralidade de Portugal na Grande Guerra, ordenava que não se deixasse entrar em território português os refugiados que fugiam ao avanço Alemão do Sudeste de França. Contrariando as ordens diretas do Ditador, Aristides de Sousa Mendes passou vistos que salvaram mais de 30.000 pessoas perseguidas por Hitler.

Pensando na forma como Aristides subverteu o seu lugar de poder através da desobediência às ordens desumanas que lhe foram impostas, esta escultura faz mais do que enaltecer os feitos de um herói, ela materializa um desejo de dar continuidade ao legado de Aristides, que no fundo foi um homem comum que soube aproveitar o momento certo para elevar a condição humana à sua expressão máxima.

Neste sentido, esta escultura tem em conta o significado simbólico da posição de estar sentado com um lugar de poder. A manipulação de uma cadeira comum encontrada na rua, de design português, pretende precisamente subverter esta ideia, espelhando as ações do antigo cônsul de Bordéus. Para além disto, ao transformar o seu assento num apoio para as costas, esta procura dotar-se de potencialidades interativas, convidando o espectador a interagir com ela e projetando-se, assim, na realidade, para a Difusão da Subversão.

Filipa Batista

O ninho

2023



Descrição da obra

O ninho

A proposta para esta exposição, advém da experiência na residência artista “Arte e Natureza” que se realiza no concelho de Proença-a-Nova de 16 a 22 outubro. Através do meu trabalho pretendo estabelecer a ponte entre as matérias naturais e o ser humano, sendo um reflexo dessa experiência sensorial e física, a relação entre mim, o meio e a natureza na sua pura forma.

Esta obra será futura porque hoje ainda não é efémera.

Esta performance representa a criação do meu próprio ninho, onde encontrei refúgio. O ninho, composto por caruma e troncos, abriga duas pedras que simbolizam os ovos, e meu corpo representando o nascimento. Os cacos de porcelana branca aludem à casca do ovo, transformando-se de natural barro em industrial porcelana.

Existe a distinção entre o ser humano que não nasce na floresta e aquele que a explora e destrói. Voltei à natureza, ao meu ninho.

A Construção do ninho reflete minha percepção pessoal da maternidade, abrangendo tanto a esfera humana como a natural.

Nesse contexto, o ninho representa não apenas um local de abrigo e proteção, mas também um símbolo de criação e cuidado. Na natureza, o ninho representa o habitat seguro e propício para o desenvolvimento das crias. Podemos considerar que a Terra é o 'ninho' que abriga toda a vida. É nosso dever cuidar desse ambiente, protegendo-o da exploração e da degradação. Assim, a construção do ninho um lembrete da responsabilidade compartilhada de cuidar da maternidade natural que é o nosso planeta, assegurando que ele continue a oferecer abrigo e sustento para todas as formas de vida.

Ildefonso Pontes

As pedras também respiram



Casca
Aço, calcário
2023



Crosta
Aço, calcário
2022

Crosta
Aço, calcário
2022

Descrição do conjunto de obras que integram a série

As pedras também respiram

Este conjunto de obras escultóricas explora a dualidade do material, especificamente a transformação do aço industrial em matéria bruta, que evoca características geológicas. Uma resposta a um processo contraditório atual, que envolve o uso de materiais sem valor aparente, uma apropriação deliberada que resulta numa reorganização formal disfuncional. Estas obras não só estão fora do seu ambiente natural original, mas também incorporam características físicas e composicionais que desafiam as suas origens.

O aço é escolhido devido à sua rigidez e, ao mesmo tempo, à sua sutileza e maleabilidade, permitindo sua interação com pedras e madeira. A apropriação de elementos naturais é casual, mas há uma preocupação em preservar a essência desses elementos, moldados pela história. O escultor é um experimentador que manipula e questiona as capacidades físicas e composicionais, explorando a interação entre os dois elementos, conscientemente ou não.

O aço é moldado de forma a adaptar-se à expressividade natural das pedras, ao evocar características orográficas. O processo de criação é uma meditação visual sobre o desenvolvimento orgânico, uma representação dos elementos observados noutra matéria.

A capacidade de transformar a forma de um elemento natural num material adverso desafia as características físicas do material, transformando-o novamente em matéria bruta através da escultura.

Estas obras representam uma regressão às necessidades e desafios da contemporaneidade, uma reificação da expressividade da natureza por meio da industrialização.

Na natureza orgânica a necessidade de subsistir acaba por resultar no papel fulcral da reprodução de uma nova geração. No ser consciente existe a necessidade de subsistir enquanto indivíduo, de prolongar a experiência vivida concomitante com a preservação da sua entidade, ambicionando a eternidade. É um processo devorador que se apodera da matéria e a destrói, um trabalho de preparação da matéria para a sua própria aniquilação. Ainda assim, a natureza do material tem um propósito, por mais manipulação e reciclagem acaba por se reverter num ciclo onde a entidade humana se desvanece.

Luzia Alves

Megasporófilos I

MDF, fio de nylon

2019



Relicário

Ampliação em Papel Fine Art

2023



As imagens podem sofrer alterações

Descrição da obra

Megasporófilos I

As formas das quatro esculturas da série “Megasporófilos” são uma abstração geometrizada de uma escama de pinha e representam um equilíbrio de forças entre a Natureza e os seres humanos. As escamas são o órgão reprodutor feminino das pinhas, carregam sementes (pinhões) que germinarão novos pinheiros.

A madeira rígida, cosida com fio de nylon, remete para a flexibilidade dentro da resistência que cada corpo humano possui, designadamente o corpo feminino. A proximidade da morfologia de uma escama de pinha a uma vulva, lembra a força colossal que as mulheres têm, símbolos de continuação da espécie, eternidade com tempo carnal finito, nunca deixando de ser frágeis, com toda a beleza e unicidade que esta palavra emana.

Destacando a flexibilidade, resistência e robustez do corpo feminino na altura da gestação, as placas cosidas, que umas vezes parecem couro e outras vezes acácia, aparentam mudar de forma e adaptar-se cuidadosamente a outras superfícies. Ouvem-se ranger. Os fios esticados fazem pressões na madeira. Eventualmente, estes fios, que se vão modificando e degradando com a passagem do tempo, vão secar e partir-se, dando novas formas às esculturas.

Estão vivas.

Descrição da obra

Relicário

Ainda dentro da temática do natural, o Relicário, é um série fotográfica que retrata as consequências da manipulação da Natureza, por parte dos seres humanos.

Estas fotografias mostram os topos das vedações de madeira de um parque e os pinos de metal que separam a estrada do passeio.

As vedações eram feitas de troncos de madeira, e à medida que se foram danificando foram substituídas por vedações feitas de plástico prensado. Os insetos de pequena escala que habitavam e se alimentavam da madeira, fazem-no agora no plástico, pois confundem a anterior madeira ao material artificial. À partida não se identificam muitos problemas, mas o pequeno facto de se registar que alguns confundem um material natural com o artificial, alimentando-se agora de um plástico que imita a natureza, conduz-nos ao pensamento de que, se aumentarmos a escala do animal, também nós corremos o perigo da manipulação. Este é um aviso de que estamos a ser contaminados pelas nossas próprias mãos.

No seguimento desta ideia, mostra-se com as fotografias dos topos dos pinos de metal, a força corrosiva da natureza, mais propriamente a força da água, que em contacto com o metal, o modifica.

Pedro Serafim

ZΩH

Mármore Ruivina, Mármore Azul Tigrado

2022



Descrição da obra

ZQH

A Água caracterizada como mãe de todas as matérias e a criadora de vida.

É através da mesma que se formam os vários organismos vivos e também a possibilidade da permanência do ser humano na Terra.

No estado de corpo líquido, respeitando o seu ciclo vital natural, pressupõem-se interagir e renovar esta matéria corpórea líquida.

Sobre um berço de pedra, submeter o ser humano ao encontro da água, onde se pretende evocar a mesma, um estado de transcendência e atribuindo à água um carácter sagrado.

“A água é a força motriz de toda a natureza.”

Leonardo da Vinci

Santos Rocha

Holocausto

Talhe direto Madeira (Pinheiro Bravo, Sobreiro, Eucalipto)

2020



Descrição da obra

Holocausto

A obra “*Holocausto*” é composta por três troncos de madeira talhados à mão, todos eles com cerca de 40 cm de altura, com diâmetros compreendidos entre 12 e 22 cm. Os troncos são, propositadamente, de espécies diferentes, visando representar diversidade na composição da obra, aludindo às diversas áreas e vítimas dos incêndios florestais. Ademais, os troncos foram recolhidos das ruas, após as respetivas árvores serem desbastadas por outrem, contribuindo, deste modo, para a narrativa poética e conceptual da obra.

Em cada tronco encontra-se representada uma boca a gritar, distorcidas para que se crie mais ênfase ao retratar a Natureza que grita. Em alguns destes elementos podemos verificar as marcas do trabalho na matéria, deixados propositadamente, tendo em vista a representação da ação do homem na natureza. Contudo, a casca foi cuidadosamente preservada, para que as bocas se revelem como algo interno que surge da matéria. A representação de um elemento do corpo humano, transpõe-nos para a crítica à necessidade do Homem de adquirir e dominar a Natureza, condenando-a às suas decisões. Ao longo da leitura global da escultura, o grito torna-se, gradualmente, menos evidente, chegando até a ser impercetível, e o próprio tronco cada vez mais degradado, dificultando a leitura singular do objeto. Neste sentido, pretende-se representar a deterioração da árvore, como quando consumida pelas chamas.

Através do seu título a obra refere o termo “holocausto”, que nos dias de hoje, está intrinsecamente ligado ao genocídio em massa ocorrido no período da Segunda Guerra Mundial. Contudo, este termo surge, primeiramente, na Grécia antiga como um ritual religioso que consistia no sacrifício de animais, consumindo-os através das chamas. Neste sentido, a obra estabelece ligação entre as ações bárbaras destes acontecimentos - uma vez que ambos consideram o extermínio de espécies em prol de interesses, sejam eles económicos, políticos ou pessoais, tecendo uma crítica à crueldade e sadismo dos mesmos e, conseqüentemente, homenagear as suas vítimas.

Santos Rocha

A Origem

Madeira, ferro

2020



Surge como uma representação de uma simbiose entre a Mulher e a Natureza. Através desta relação, presentes no corpo e no espírito, procura enaltecer a mulher e a natureza como sendo símbolos de força, de beleza e de vida.

Neste seguimento, “A Origem” alude à importância do papel feminino para a construção da humanidade, assim como para a sua perpetuação.

Vera Vilhena

Série



Sem título
Talheres de plástico - Polipropileno (PP)
Técnica: modelação com aplicação de calor
2023



Sem título
Tampas de plástico (PEAD)
Técnica: trituração, prensagem e
modelação
2023



Sem título
Palitos de plástico- Polipropileno (PP)
Técnica: modelação com aplicação do calor
2023

Descrição da obra

Série sem título

(Obras azuis)

Este projeto surgiu numa tentativa de conhecer e explorar o plástico e o seu potencial como material escultórico, devido à sua versatilidade, resistência, durabilidade, etc.

Querendo aproveitar o plástico pela sua componente e materialidade, e não pela forma, tornei-me responsável pela produção do próprio material.

Para isso, foi feita uma seleção de tampas de garrafas (PEAD) para mais tarde serem trituradas e prensadas, e com a aplicação de calor, modeladas até obter uma forma orgânica e com volume.

(Obras brancas, transparente)

Este projeto partiu duma curiosidade em conhecer o componente plástico e a sua versatilidade e potencial como material escultórico. Trabalhando também questões sobre a efemeridade material e sustentabilidade na escultura. E tendo como objetivo formal dar uma nova vida a este material e procurar os seus limites.

THINKING TOMORROW

BIOGRAFIAS



DIOGO MIGUEL MARTINS NUNES

1998, Lisboa.

É licenciado em Escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (2020), onde realizou um intercâmbio com a École Supérieure D'art Et De Deisgn De Reims e mestre em Escultura pela mesma faculdade (“Upcycling através da escultura. Mapeando a utilização de materiais descartados como matéria prima.” 2023), que contou com um Blended Intensive Program em Hydra, Grécia.

O seu trabalho realizado maioritariamente no campo da escultura e ocasionalmente nos campos da performance, desenho e fotografia, tem vindo, mais recentemente a explorar uma ideia de arte eco social que materializa através de esculturas interativas e performances participativas feitas com materiais descartados e naturais. Nestes a compreensão dos ciclos de vida dos materiais ganham preponderância para repensar e questionar a relação do ser humano com o meio ambiente. Para além de ter vindo a participar nalgumas exposições coletivas, inaugurou em Novembro de 2022 a escultura pública Do Rigor o Devir, realizada com armas destruídas pela PSP que se encontra em permanência na Parada do Comandante Ferreira do Amaral no Chiado, em Lisboa. Participou na residência artística AIR_Gandarinha em Julho deste ano e está envolvido em dois projetos participativos de escultura pública. Mais recentemente ingressou no Doutoramento em Belas Artes pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

diogo.mm.nunes.studio@gmail.com

@diogo_mm_nunes

FILIPA BATISTA

1999, Abrantes.

Licenciada em Escultura Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, atualmente no Mestrado de Escultura na mesma instituição de ensino. Na minha prática artística, procuro revelar o paralelo entre o meu mundo interior e o universo que me rodeia, através da combinação e apropriação de objetos e materiais. Entrelaçando os fragmentos da vida cotidiana para criar uma narrativa visual.

Cada objeto e material que escolho carrega uma história, uma essência que desvendo e descontextualizo para um diálogo entre o tangível e o intangível, onde a imaginação encontra sua linguagem, revelando as ligações meu ser e as conexões com os outros.

artfilipabatista@gmail.com

@filipabatista_art

ILDEFONSO PONTES

2000, Lisboa.

Licenciado em Escultura, pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2022).

Foi no Ensino Secundário que se deparou com a expressão tridimensional, e onde se confrontou com as primeiras experiências e tentativas plásticas.

Aprimorou o seu trabalho durante o período académico, onde desenvolveu o gosto pela experimentação e relação peculiar entre materiais, concomitante com o equilíbrio da poesis e da praxis.

ildefonsoPontes@gmail.com

@ildefonsoPontes

LUZIA ALVES

2000, Lisboa.

Licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, atualmente frequenta o Mestrado em Escultura da mesma Faculdade.

Desde os 15 anos de idade produz trabalho fotográfico e performativo usando o seu corpo como matéria e tela. Trabalha como aderecista, figurinista e cenógrafa de teatro amador e profissional desde 2017; destaca-se o ano de 2019, onde trabalhou como figurinista de teatro profissional, em “Shrek – O Musical”, com encenação de Henrique Feist, estreou a 15 novembro do mesmo ano, no Casino Estoril. Em 2021, começou a trabalhar como Curadora de Artistas emergentes na sua localidade, conta com três exposições catalogadas: “À Superfície I”, “À Superfície II” e “Multiplicidade no Feminino”. Em 2022 fez encenação de dois teatros, “O Grande Avô Lafaek” e “Black it’s ok, but not this way”, a estrear a 21 e 27 de maio, respetivamente.

Representou Portugal na Exposição coletiva “La Iberoamericana de Toro – Mulheres e Artes Visuais do séc. XXI”, em Toro, Espanha. No âmbito da escultura, interessa-se por materiais fortes e difíceis de domar e procura intervir e fazer junções dos mesmos de formas inesperadas. A sua forte ligação à Escultura, Performance e Ciência levou-a a desenvolver um corpo de trabalho que converge todas as áreas, atualmente produzindo esculturas habitáveis peculiares. Colabora ativamente na organização de eventos ligados às Artes, projetos com outros artistas plásticos, designers e produtores independentes de teatro. Fundou em 2023 com Filipa Batista, o Planeta Zorb – Art Trip, uma empresa de prestação de serviços com soluções criativas, de artistas para artistas.

luzia.alves.alice@gmail.com

@allu.uz

@luzia.alves.art

PEDRO SERAFIM

1999, Lisboa.

Enquanto estudante, o seu percurso académico iniciou-se frequentando a Escola Secundária Gago Coutinho, onde fez o curso de artes visuais.

É licenciado em Escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), e atualmente encontra-se na mesma instituição a frequentar o primeiro ano de Mestrado do curso de Escultura, com especialização no Laboratório de madeiras.

Utiliza como matérias para o seu processo escultórico, madeira, pedra, metais e gesso.

Os seus interesses, residem na relação entre o ser humano e a natureza, e todo o meio natural envolvente.

Com o objetivo de igualar ou elevar a natureza ao ser humano, que esta passe a ter um papel de maior importância e relevância no mundo físico, onde o próprio ser humano habita e pertence.

O ser humano é parte da natureza, por esta não lhe é inferior.

Exposições coletivas:

XVII Edição do Prémio de Pintura e Escultura D. Fernando II, MU.SA, Museu de Artes de Sintra;

Eles e Elas, Patio.n2;

XV Edição das GAB-A, FBAUL;

XVI Edição das GAB-A, FBAUL;

Coletiva “São ou Não”, Galeria São Mamede;

Exposição Prémio “A Arte Chegou ao Colombo”, Fundação D.Luís I;

pedro-sousa-7@hotmail.com

@pedrosousaserafim_art

SANTOS ROCHA

1998, Cascais.

Licenciou-se em Escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (2020). Atualmente encontra-se a frequentar o Mestrado em Ensino de Artes Visuais no Instituto de Educação de Lisboa, em colaboração com a Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Contando com a sua participação em diversas exposições coletivas, das quais se destacam:

Exposições:

2023 – Coletiva - Aristides de Sousa Mendes Razões de Humanidade, Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa; Coletiva - Homenagem a Maria João Abreu, Estúdios Maria João Abreu, Vialonga.

2022 – Coletiva – À Superfície I, Museu Mineiro do Lousal, Grândola; Coletiva – 17º Prémio de Pintura e Escultura D. Fernando II, Museu das Artes de Sintra; Coletiva – Multiplicidade no Feminino, Museu da Polícia, Chiado, Lisboa.

2020/21 – Coletiva – Amália um olhar contemporâneo, Galeria António Prates, Lisboa;

2020 – Coletiva - Bienal Internacional de Arte Jovem de Vila Verde, Biblioteca Professor Machado Vilela, Braga;

Escultura Pública: 2022 – Lousal, Grândola

Reconhecimentos: 2022 – 17º Prémio de Pintura e Escultura D. Fernando II, Menção Honrosa em Escultura.

carolina.rocha.arte@gmail.com

@santos.rocha.arte

VERA VILHENA

2002, Lisboa.

Viveu os seus primeiros 11 anos no Alentejo, tendo um contacto direto com a natureza, que resultou numa conexão e relação próxima com esta, que ainda mantém. Explora agora, na escultura, temas relacionados com a natureza, principalmente a sua relação com o ser humano, e o elo entre o escultor e a matéria. Sendo influenciada pelas formas orgânicas, segue essa estética na realização formal das suas obras. Trabalha com uma grande variedade de materiais, sobretudo madeiras e metais, tendo preferência pelas técnicas de talhe e construção. Em 2020 finalizou o curso de produção artística na Escola Artística António Arroio, especializando-se na área de Realização Plástica do Espetáculo. Finalizou agora a Licenciatura em Escultura, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, e frequenta agora o Mestrado, na mesma área e instituição.

vera.lt.vilhena@gmail.com

@veravilhena

ESPAÇO ARTE 

THINKING TOMORROW

9 NOVEMBRO - 31 DEZEMBRO 2023

 **U LISBOA** | UNIVERSIDADE
DE LISBOA



 **belas-artes
ulisboa**